

CONTRA O ESQUECIMENTO DO JORNALISMO: ENTREVISTA COM MARÍA SANTOS-SAINZ¹

AGAINST THE OBLIVION OF JOURNALISM: INTERVIEW WITH MARÍA SANTOS-SAINZ

ENTREVISTA | INTERVIEW
María Santos-Sainz | UBM | França

Entrevista com a pesquisadora espanhola María Santos-ENTAO Sainz, realizada virtualmente por Arthur Freire Simões Pires (PUCRS). Na oportunidade, foram abordados pontos da trajetória da autora, como suas experiências, percepções do campo na contemporaneidade e suas principais obras. Santos-Sainz se insere principalmente na história do jornalismo, na história do pensamento jornalístico e no pensamento político através do jornalismo (observando, por exemplo, nomes como Albert Camus, François Mauriac e Virginia Woolf). A entrevista oportuniza o público brasileiro a entrar em contato com a obra da autora, ainda pouco conhecida no país.

Palavras-chave | María Santos-Sainz; Estudos em Jornalismo; História do Jornalismo; História do Pensamento Jornalístico.

Keywords | María Santos-Sainz; Journalism Studies; Journalism History; History of the Journalistic Thought.

ENTREVISTA

ENTREVISTA REALIZADA EM 07 DE MARÇO DE 2024
APROVADA EM 27 DE JULHO DE 2024

¹ A entrevista contou com tradução consecutiva e, posteriormente, transcrição e revisão da tradutora Caroline Kunrath (carolinekunrath@gmail.com).

Apresentação

Nascida em Madri, María Santos-Sainz é uma autora espanhola radicada em Bordeaux (França), onde trabalha como docente no Institut de Journalisme Bordeaux Aquitaine (IJBA), da Universidade Bordeaux Montaigne (UBM), em nível de graduação e pós-graduação. Doutora em Ciências da Informação pela Universidade Complutense de Madrid, Santos-Sainz se formou, pela mesma instituição, em Jornalismo. Pode-se destacar de seu currículo, o fato de ter presidido, entre 2010 e 2015, o grupo Chercheurs en Journalisme des Ecoles Reconnues (CEJER) [Pesquisadores em Jornalismo das Escolas Reconhecidas], que, além de sua instituição, inclui, dentre outros, o Centre universitaire d'enseignement du journalisme, da Université de Strasbourg (em Estrasburgo), École des hautes études en sciences de l'information et communication, da Lettres de Sorbonne Université (em Paris) e a École de journalisme et de Communication, da Aix Marseille Université (em Marselha). Bem como, pela atuação em temas voltados para a História do Jornalismo e Pensamento Jornalístico, dentre outros. Trata-se de uma autora que, contrariando a regra, privilegia a intervenção pública por meio de obras e textos destinados a uma audiência mais abrangente. Dentre seus trabalhos mais conhecidos estão *El poder de la élite periodística* [2003] e *Albert Camus, periodista* [2016]. O primeiro, é fruto de seu doutorado, no qual se debruçou sobre a transformação da elite jornalística francesa, considerando a mudança no espaço público nas duas últimas décadas do século XX. Enquanto isso, o segundo é um ensaio no qual Santos-Sainz se dedicou sobre a carreira periodística daquele que foi laureado com o Nobel de Literatura de 1957. Esse último foi indicado ao prêmio de Melhor Livro sobre Jornalismo pela Conferência de Jornalismo de Tours, em 2020. A professora, ademais, possui outros escritos dedicados também ao pensamento jornalístico e ao pensamento político através do jornalismo. Entre os artigos estão *François Mauriac, éditoriaux contre les totalitarisme* (Santos-Sainz, 2020b), *Una periodista llamada Virginia Woolf, un oficio olvidado por sus biógrafos* (Santos-Sainz, 2023), além de seu último livro, *Le dernier Goya. De reporter de guerre à chroniqueur de Bordeaux* (Santos-Sainz, 2020a), agraciado pelo Prêmio Brives-Cazes 2022 da Academia Nacional de Ciências, Belas Letras e Artes de Bordeaux. Além dessas premiações, recebeu a consagração da *Ordre des Palmes académiques*, em duas oportunidades: em 2012, foi nomeada *Chevalier* (cavaleira) e, em 2021, *Officer*, laura concedida a acadêmicos,

a professores e a pessoas que contribuam com as universidades, a educação e a ciência.² A entrevista a seguir explora pontos da trajetória de María Santos-Sainz a fim de (1) oportunizar ao público brasileiro conhecer sua obra, bem como (2) repercutir suas considerações acerca do reaquecimento da polêmica histórica em torno da figura de Camus (Said, 2011; Gloag, 2023).



María SANTOS-SAINZ/ Foto: Divulgação³

ÂNCORA

A.F.S.P: Pode discorrer, para começarmos, sobre sua trajetória pessoal e acadêmica? O que lhe levou para Bordeaux?

María SANTOS-SAINZ

Universidade Bordeaux Montaigne | França

Tentarei ser breve e telegráfica. O mundo se move por amor, em todas as partes: cheguei à França por pura casualidade, não estava em minha biografia. Foi uma história de amor, queria aprender francês e conheci alguém. Sempre me custou aceitar que estava aqui. Porém, permaneci, ainda que com saudade de Madri. Minha graduação é em Ciências da Informação, porém me interessei pela História. A faculdade que me graduei é teórica, sendo o jornalismo um ramo dessa área. Estudei direito por dois anos, mas me entediei muito e abandonei. A verdade é que gostava muito de jornalismo, nasci com o DNA jornalístico. Realizei meu doutorado na Espanha, na Universidade Complutense de Madrid, o qual publiquei no formato de livro na Espanha e, depois, na França. Foi no doutorado que me interessei por temas franceses, por isso meu doutorado foi

² Disponível em: <https://mica.u-bordeaux-montaigne.fr/santos-sainz-maria/> <https://mica.u-bordeaux-montaigne.fr/santos-sainz-maria/>

³ Disponível em: <https://www.heraldo.es/noticias/ocio-y-cultura/2023/01/09/ultimo-goya-libro-maria-santos-sainz-burdeos-1623300.html>. Acesso em: 13 abr. 2024.

sobre as elites jornalísticas na França. Além disso, meu pai era jornalista político na Espanha; queria tomar distância e me interessava muito pela atualidade jornalística na França. A verdade é que sempre gostei de aprender coisas novas e a Espanha, talvez, eu já conhecesse o suficiente. Interesse-me pelo jornalismo de opinião: o jornalismo que tem um impacto político. Em outras palavras, a elite jornalística, que são os que criam a agenda midiática. Considero que isso que sempre me interessou: as relações entre a imprensa e o poder. Para explicar: eu não trabalho com a imprensa regional, apenas com a que tem um impacto em nível nacional. Interessei-me pela figura do editorialista, desde o nascimento da imprensa, na verdade, pela história da imprensa através da figura do editorialista. Estava preparando minha cátedra — que se focava aos editorialistas franceses da imprensa de referência —, por conseguinte, tratava-se de um estudo sobre jornalismo, mas em perspectiva histórica. Então, comecei lendo Camus e François Mauriac. Contudo, decidi seguir nesses autores e abandonei meu trabalho de catedrática. Continuei debruçada sobre os textos de Camus e logo percebi que não havia livro algum dedicado a sua carreira jornalística. Somente havia o livro de Lévi-Valensi (2002), no entanto, é uma compilação de artigos, o que é muito pouco. Prontamente, falei com um amigo (que era jornalista e tinha uma editora) e propus esse trabalho, que se publicou primeiro na Espanha.

ÂNCORA

A.F.S.P: Seu primeiro livro, *El poder de la élite periodística* [2003], e seu segundo, *Les espagnoles à Bordeaux et en Aquitaine* [2006], possuem uma grande distância temática entre si. Mais ainda quando se coloca *Albert Camus, periodista* [2016] e *Le dernier Goya* [2020]. A professora pode discorrer sobre o que lhe incentivou a se voltar ao estudo da história do pensamento jornalístico?

María SANTOS-SAINZ

Universidade Bordeaux Montaigne | França

A resposta para essa pergunta se relaciona com a anterior, pois também envolve questões pessoais, profissionais etc. Primeiro, eu trabalhava como jornalista. Durante oito anos, estive em um jornal na Espanha, na seção de cultura, que não existe mais, chamado *Diario 16*. Então, é uma profissão que conheci, pratiquei, segui praticando e me interessava muito.

Considero que isso que sempre me interessou: as relações entre a imprensa e o poder.

María Santos-Sainz
Universidade Bordeaux Montaigne

Por isso, é preciso entender um pouco o porquê o pesquisador estuda aquele objeto, porque escolhe determinados objetos. Nesse sentido, minha tese é sobre as relações entre a imprensa e o poder. Quanto ao segundo trabalho, é um livro sobre o exílio e também sou uma exilada voluntária. Quando cheguei aqui estabeleci uma relação estranha com a cidade (de amor e de ódio). O país e toda a questão intelectual me interessam; porém, desde um ponto de vista humano, [a França] é um país um pouco difícil; não é a Espanha, tampouco é o Brasil. Então, vem à tona a questão de se sentir estrangeiro, ou que lhe faça se sentir estrangeiro. Não obstante, é uma obra que também se relaciona com meu passado como jornalista. Trabalhei em uma fundação que se chama *Espanoles por el mundo*, onde fui redatora-chefe (também na seção de cultura), por muitos anos. Portanto, sempre me interessei pela questão do exílio, conseqüentemente, o dos espanhóis (que começa com a expulsão dos judeus sefardistas com os reis católicos). Esse é um tema que, por conta da profissão, sempre me aprofundi (tanto a expulsão, quanto o deslocamento), principalmente pelo viés da intolerância por questões políticas e religiosas. Todas essas temáticas que mencionei estão presentes nesse livro e, como descrevi, possuem conexão comigo e, apesar disso, trata-se de uma experiência que, particularmente, não foi fácil. Porque meu doutorado é espanhol e a universidade sempre, em todos os lugares, é endogâmica. Trabalhei muito e não é fácil ter que, em muitas ocasiões, buscar legitimidade. Tens que lutar e trabalhar mais porque és mulher, jovem e estrangeira. Além disso, venho de um país que conheceu bem a extrema-direita (vide o fascismo franquista). Tudo isso contribuiu para a minha formação, já que fui uma mulher jovem que viveu em um ambiente familiar muito político; fui muito militante na adolescência. Então, existe uma relação entre todos esses temas, Goya foi um exilado, Camus se sentia também um exilado e, acima de tudo, interessam-me e formam parte da minha biografia. Quando escrevi *Les espagnoles à Bordeaux et en Aquitaine*, dediquei capítulos aos judeus espanhóis que sofreram a intolerância; há outra parte dedicada a todos os espanhóis que lutaram contra Franco e tiveram que se exilar e vieram a Bordeaux. Muitos deles eram anarquistas, que conheci e entrevistei. Eu queria fazer uma espécie de reparação para que se conhecesse a presença espanhola aqui, e, sobretudo, homenagear os republicanos espanhóis. Essa é uma região muito burguesa (como todas as cidades onde têm vinhedos). Bordeaux sempre foi muito anglófila e o passado espanhol era menosprezado, pois a Espanha era um país pobre. O motivo desse livro é, portanto, homenagear

a todos os espanhóis que lutaram contra o fascismo e contra os nazistas, e a todas as vidas sacrificadas no exílio. Queria prestar-lhes uma grande deferência, porque meus avós eram franquistas; a ruptura ideológica foi realizada pelos meus pais. Alguns desses elementos igualmente me interessaram nos outros autores que estudei nos textos que você mencionou (Camus e Goya). Explico: em Goya busquei seu lado jornalístico. De sua obra há uma série de desenhos que se chama *Desastres de la guerra*, que é pioneiro do fotojornalismo. Trata-se de uma espécie de crônica do que foi a guerra de independência na Espanha. São desenhos que podem simbolizar, hoje em dia, campos de concentração. Há um desenho específico que se chama *Estragos de la guerra*, o qual simboliza um bombardeio civil. Goya foi um pintor, mas tinha uma veia de repórter. Então, há uma imbricação em tudo, entre esse lado de reportagem, de jornalismo, de denúncia. Goya foi exilado e veio a Bordeaux em uma luta contra o obscurantismo, contra o fanatismo e contra o reacionarismo. Há, portanto, uma conexão.

Quanto a Camus, vários desses temas, como mencionei ao longo da nossa conversa, estão presentes também em sua obra. Existem conexões entre ambos em suas lutas pela verdade, liberdade, justiça, igualdade diante da tirania, do obscurantismo.



A.F.S.P: Pode comentar como percebe seu próprio trabalho em termos metodológicos? A professora fez estudos particulares de apropriação, por exemplo, de alguma escola historiográfica?

María SANTOS-SAINZ

Universidade Bordeaux Montaigne | França

Para não me estender demais, vou me concentrar em alguns trabalhos, ao invés de comentar cada um dos casos. Em *Albert Camus, periodista*, o que fiz foi começar lendo todos os editoriais com sua assinatura, ou seja, o ponto chave foi a etiqueta “editorialista”. Em seguida, concebi a ideia do livro e a desenvolvi, tendo em vista que não se tratava de uma obra acadêmica, mas, de divulgação. Não estudei, desde um ponto de vista acadêmico, perspectivas elaboradas pelas escolas historiográficas.

É importante que fique claro: meu desejo era de que o texto chegasse a mais pessoas, a um maior público e, em especial, aos estudantes de jornalismo, os futuros jornalistas. Em momento algum, tive planos de fazer um trabalho de pesquisa completamente acadêmico, pois tenho uma concepção de pesquisa que está relacionada ao impacto social. Tenho um perfil atípico e reconheço isso. Para mim, às vezes, não é fácil ser acadêmica e jornalista, há vezes que é um pouco complicado conciliar os dois. Não se trata de uma crítica, todavia, às vezes, é interessante ser acadêmico; contudo, não queria ser lida por quatro pessoas do meu campo de especialidade. Quero chegar a mais pessoas. O impacto social da pesquisa é algo inegociável para mim. No entanto, realizei trabalhos que, esses, sim, respondem a questões acadêmicas. Caso de “O imaginário dos futuros jornalistas na França” (Santos-Sainz, 2013), no qual estudei os universos de referência dos jovens jornalistas, isto é, quais jornalistas lhes interessaram e lhes influenciaram. Queria saber também o impacto que pode ter a origem social dos estudantes de jornalismo no tipo de prática jornalística que exercem e que concepções têm do jornalismo. Nesta pesquisa, que metodologicamente se ampara em Berteaux (2010), descobri que os estudantes que têm uma origem social mais modesta tinham um conceito de um jornalismo e um rigor deontológico, mais interessante, que tinham uma predisposição maior para temas de sensibilidade social.

ÂNCORA

A.F.S.P: Em *Albert Camus, periodista* (Santos-Sainz, 2016) e “Una periodista llamada Virginia Woolf, un oficio olvidado por sus biógrafos” (Santos-Sainz, 2024), a professora sustenta que a profissão jornalística é, com frequência, deixada de lado por biógrafos e estudiosos. Por que e ao que atribui esse “esquecimento”? Pode desenvolver sobre o trabalho acerca dos editorialistas e a motivação a estudar o caso de Virginia Woolf

María SANTOS-SAINZ

Universidade Bordeaux Montaigne | França

Primeiramente, não estudei somente Camus e Mauriac, escolhi vários, dentre os quais estão Raymond Aron e Hubert Beuve-Méry. Ainda não publiquei o trabalho, estou

O impacto social da pesquisa é algo inegociável para mim.

María Santos-Sainz
Universidade Bordeaux Montaigne

revisitando e, possivelmente, vou publicar de outra forma, por um lado mais atual, com os debates que existem na França sobre os editorialistas. Em especial, com a ascensão dos editorialistas de extrema-direita, que me preocupa muito. Quanto ao resto, efetivamente porque o jornalismo sempre foi considerado como um gênero menor, então muitos escritores são estudados, no sentido acadêmico, por pesquisadores que vêm do ramo da literatura, ou historiadores. Além disso, as Ciências da Informação são uma disciplina muito jovem, mas estão ganhando peso. Contudo, não se trabalhou suficientemente sobre os escritores-jornalistas e, hoje, como se percebe, a tendência das Ciências da Informação é trabalhar sobre as novas tecnologias, as redes sociais etc. A maioria dos subsídios de organismos acadêmicos internacionais se destinam a isso. Logo, existem estudos de jornalismo que se interessam por uma perspectiva histórica dos meios de comunicação e de outros jornalistas, mas são minoritários. Porém, nos casos desses autores, é a Literatura e os acadêmicos dela que se interessaram por seu legado, e consideram que sua obra [literária] é maior do que ser jornalista. Aí está o “desprezo”; ainda que Max Weber dizia, em *El político y el científico* [1919], que para fazer uma obra jornalística é necessário também muito talento e que é uma obra intelectual. Considerar o jornalismo um gênero menor, sem embargo, é uma falha que há nas linhas de investigação. Acredito que os estudiosos de Ciências da Informação deveriam se mobilizar e se interessar mais e trabalhar sobre esses aspectos. Porque ainda que o paradigma seja o da tecnologia, ainda vale a pena observar as antigas figuras do jornalismo. Importa dizer que Camus começou pensando, visitando e criticando o mundo a partir do jornalismo. Depois, recorreu a outros gêneros, como o romance, que permite levar a outro nível coisas que se conhece bem no jornalismo, de um modo tão real quanto a própria realidade, mas em outro registro. Em todo caso, o jornalismo dele teve um papel muito importante para seu estilo, para sua maneira de escrita. De todas as biografias que li, percebi Camus, por toda sua trajetória, como um exemplo da diversidade social. Isso deve estar em uma escola de jornalismo. Deve-se saber o que é isso e sua importância. Temos uma análise que está relacionada com a profissão e isso é outro olhar, totalmente diferente, em muitos sentidos. Por exemplo, há uma vertente quase de jornalismo de dados em Camus, porque quando escreve “*Miseria en Cabilia*” traz várias cifras, isso é jornalismo de dados. Estas são análises que podem ser feitas quando se é jornalista ou um estudioso de Ciências da Informação, porque você observa coisas que ninguém viu, ou, as quais

não se deu importância. Quanto ao trabalho sobre Woolf, é um artigo de divulgação, logo, não é possível fazer uma comparação. Escrevi-o motivada por uma história muito curiosa que vivi. Em primeiro lugar, eu gosto muito de sua literatura, de sua voz, de sua maneira de escrever. Segundo, uma amiga minha faleceu em novembro, e era uma mulher muito combativa. Eu estava voltando do funeral e não sei porque comecei a pensar em Virginia Woolf e me ocorreu o artigo. Ela foi jornalista, então comecei a procurar material sobre seu lado jornalístico, mas não encontrei nada; nem na França, nem na Espanha, nem na Inglaterra. Queria esquecer a tristeza da perda da minha amiga e, por quinze ou trinta dias, estive com Virginia Woolf até às duas da madrugada e foi muito divertido. Acabei me dando conta que o enfoque do artigo é que o jornalismo dela foi, acima de tudo, uma emancipação: uma maneira de ter um quarto próprio para poder ser escritora. Às vezes as coisas caem em nossas mãos, foi puro acaso. Eu não tinha pretensão de escrever um livro sobre Camus, de início. O livro de Goya não foi iniciativa minha, um editor me contatou para escrever sobre ele e decidi fazer por um viés jornalístico. Não sou estratégica, mas uma apaixonada.

ÂNCORA

A.F.S.P: Também em Albert Camus, periodista, a professora faz uma relação entre a ideia do jornalismo crítico de Camus, e suas críticas à imprensa da época, com o livro de Edwy Plenel (2012), fundador do Mediapart. Você escreve que “Camus formula a sua teoria do jornalismo crítico questionando a loucura da imprensa – causada por um contexto histórico complexo antes e depois da guerra – e visa acima de tudo restaurar o respeito aos leitores” (Santos-Sainz, 2016, s. p.; trad. liv.). A expressão “teoria do jornalismo crítico” me chama a atenção. Se possível, peço que a professora comente o que entende por “teoria” e o porquê da experiência do jornalismo crítico de Camus, aos seus olhos, ser entendida como tal.

María SANTOS-SAINZ

Universidade Bordeaux Montaigne | França

Bom, provavelmente coloquei no livro porque era uma novidade, quer dizer, me pareceu interessante buscar uma herança de Camus no jornalismo atual. Há muitos jornalistas, não somente Plenel, que reclamam serem herdeiros de Camus. Pareceu-me interessante porque havia esta novidade do livro e me pareceu interessante que se criasse um novo meio

numérico como *Mediapart*, nesse momento coincidindo com meu livro e meu pareceu interessante que Edwy Plenel é um jornalista controverso, porque também tem muitos críticos e muitos consideram o seu jornalismo de investigação muito partidarista e muito militante. Porém, no momento que *Mediapart* foi lançado, [o veículo] foi considerado como não tão militante como poderia ter sido em alguns momentos, por isso o escolhi. No momento me pareceu interessante porque o título dava uma piscava a Camus, falava a Camus, e me parecia interessante a atualidade de Camus em um meio numérico que recém saía, que era uma novidade. No entanto, se tivesse que voltar ao livro e publicar uma nova edição, colocaria de outra maneira, porque na vida é preciso evoluir. A respeito do tema da teoria crítica, o que me parece interessante é que Camus foi muito crítico, quer dizer, amava o jornalismo, mas detestava a imprensa. Não se falava muito, mas esse tema merecia maior dedicação, eu lhe dediquei um pouco, mas acho que não expliquei o suficiente, se volto a fazer uma nova versão, teria que explicar um pouco mais isso. Isto é, ele tinha um ideal muito alto de jornalismo em quanto a verdade, a busca da verdade, da honestidade etc., contudo era muito crítico, e isso não impede que ames o jornalismo, mas que detestes a imprensa, tal como é praticada hoje em dia, porque bom, não é todo mundo que é honesto, há jornalistas que são completamente partidários e ademais, aquela era uma época tão polarizada como agora. Parece-me interessante porque muitas de suas críticas em sua época seguem sendo muito atuais, então se observas os editoriais de escritores, não houve nenhum que tenha feito tantos editoriais sobre a imprensa. Por exemplo, François Mauriac faz referências, mas faz muito tempo. Muitas críticas estão em livros e são apenas passagens, mas que sejam em um gênero jornalístico como o editorial, que se faça críticas ao jornalismo, a mim, aparenta que Camus tenha sido singular. Ele expõe uma série de temas de críticas a respeito do sensacionalismo, críticas a respeito da honestidade, outra sobre a função do jornalista. Ele faz uma série de reflexões que são interessantes e por isso digo que elabora uma teoria crítica do que deveria ser o jornalismo, e muitas das coisas de sua época seguem sendo atuais. Camus dizia que o importante não é ser o primeiro, mas o melhor; ou quando disse que a busca da verdade não impede a tomada de partido, quer dizer, não se pode esconder-se em uma neutralidade jornalística quando estão massacrando o povo. Deve-se estar ao lado dos que padecem na história, e nesse sentido, sua concepção crítica e de onde deve situar-se o cursor do jornalismo, parece-me muito interessante.

Porque muitas vezes por meio da neutralidade se está colocando como indiferente, e há uma responsabilidade social e consequências muito

Deve-se estar ao lado dos que padecem na história, e nesse sentido, sua concepção crítica e de onde deve situar-se o cursor do jornalismo, parece-me muito interessante.

María Santos-Sainz
Universidade Bordeaux Montaigne

graves ao não se alarmar a sociedade. Então, parece-me que ele elabora uma teoria crítica e me parece muito interessante seguir com ela hoje em dia; acredito ser importante ter uma crítica aos meios, como corrente e como disciplina também, uma crítica midiática. Eu dou aula sobre

isso, de crítica aos meios de comunicação, e de fazer uma leitura crítica deles; parece-me fundamental. Ademais, parece-me que temos que formar a fábrica do cidadão, hoje em dia é um dos desafios que temos em todos os países, a partir das escolas, é ensinar a educação dos meios. Quer dizer, formar futuros cidadãos capazes de ter uma leitura crítica e que tenham o reflexo de saber a quem pertence esse meio, se há um partido por trás, quais são os interesses econômicos, para que saibam ler e que não sejam enganados e nem manipulados.

ÂNCORA

A.F.S.P: Recentemente, por conta da publicação de Oublier Camus (Gloag, 2023), Camus retornou à pauta da discussão histórico-intelectual sobre ele. O autor, conforme ele mesmo relatou em entrevista ao El País, acusa Camus de ser machista e colonialista. É uma acusação que, excetuando a primeira, não é nova (Said, 2011) e, de tempos em tempos, parece reincidir. O que a professora pensa sobre essa polêmica contumaz? Como avalia o debate em torno do autor?

María SANTOS-SAINZ

Universidade Bordeaux Montaigne | França

É verdade que em certa medida a discussão não é nova. Há sempre uma revisão crítica de seu legado, mas me parece um pouco injusta, ainda que estejamos em uma época de destronar os mitos. Já comentei que não é um santo, mas me parece que não podem dizer que é o último escritor colonialista. Sinto muito, mas é preciso ler suas reportagens e, precisamente, é também graças ao jornalismo que se pode enxergar sua

intenção. Não deu um nome ao árabe [em *O estrangeiro*], é uma pena, mas não acredito que o podem julgar dessa maneira. Há a reportagem sobre Michel Hodent, sobre a situação de miséria na Cabília, os incendiários de Auribeau... há muitos artigos nas quais está denunciando o colonialismo. Eu o considero, nesse sentido, um anticolonialista. Acontece que hoje em dia há essa espécie de vingança contra aqueles que são mitos atuais. Ontem estive lendo um artigo de Tony Judt, também há passagens críticas a Camus; diziam que era filho de imigrantes europeus, que não podia imaginar uma Argélia sendo europeus. Há que se entender melhor Camus. Não era partidista, não era dogmático. Camus não pode se situar, por questões sentimentais, nessa independência ou nos partidistas da FLN. Assumia uma terceira via e, muitas vezes, essa postura não é entendida nem por uns, nem por outros, contudo é um pouco rápido fazer um juízo a partir desse tema. O problema é que há muitos resquícios. É uma ferida que ainda não foi curada na França, tampouco o tema colonial. Há que se entender a complexidade de Camus, suas tomadas de decisão, seus silêncios, seu sofrimento e o fato de ter sido uma figura controversa (essa espécie de alma libertária, de anarquista, de não estar atado a nada e a ninguém). Estamos em uma época na qual voltamos um pouco ao maniqueísmo, à polarização e a revisitar, então é muito fácil acusar a Camus e criar a polêmica, porque isso permite a muitos viver dela, fazerem-se conhecidos. Tampouco quero acusá-los de oportunismo, analisa-lo e o compreender em seu tempo, fazendo leituras dele, parece o melhor caminho. Camus sempre viveu com a dúvida, evoluiu, soube pedir perdão, ou soube retratar-se sobre o tema da depuração, coisa que muitos não fazem e muitos intelectuais não fizeram.

ÂNCORA

A.F.S.P: Para finalizar, gostaria de lhe ouvir sobre o conceito de jornalismo. Os autores costumam variar, de acordo com o propósito de seu estudo (ou de seus argumentos), sobre o que é jornalismo. Contudo, no seu caso, seus escritos parecem indicar que jornalismo é mais do que uma profissão. Como a professora, portanto, encara o conceito de jornalismo?

María SANTOS-SAINZ

Universidade Bordeaux Montaigne | França

Primeiramente, é uma profissão-paixão, como a de médico. Ainda que existam os excessos, pois muitas vezes aguentamos que não paguem mais, que seja precária. Quando eu era jornalista e não me pagavam ou me pagavam mal, diziam: “na faculdade de jornalismo, há muitas pessoas que gostariam de estar aqui nesse jornal”. Então, isso tinha uma dupla vertente, mas é uma profissão-paixão. É dura, é uma profissão com baixa remuneração, são horários às vezes impossíveis, e logo, de outra parte, sim, eu acredito que é uma profissão, como dizia Camus, das mais belas que conheço. Porque permite sair da zona de conforto, questionar, confrontar com a realidade, conhecer outras realidades, incluindo pensar contra si mesmo. O mau jornalista é o que fala de temáticas próximas a si que nunca vê o outro lado, ao bairro que não conhece; e para mim, entendo o jornalismo também como uma espécie de aventura do saber, do conhecimento, de se ultrapassar, de se questionar intelectualmente. É um estilo de vida. Há escolas para aprender e muitas qualidades que podem ser ensinadas; mas eu acredito que, entre todas as coisas, há aquelas que são inatas. É uma maneira de ser também, sobretudo àqueles que têm uma grande curiosidade intelectual. Os intelectuais, os escritores; a mim sempre interessam muito as fontes de criação, saber aonde se inspiraram e o jornalismo também é uma via para pensar o mundo. Pode-se fazer um jornalismo local e ser universal e contar coisas que têm uma transcendência. Às vezes não se atribui a verdadeira importância, a maioria dos grandes escritores foram jornalistas, pensamos em García Márquez, pensamos em muitos outros, Balzac. Na França há uma tradição político-literária. Meu entendimento é que o jornalismo ajuda a pensar o mundo, a se questionar. Contribui a entender sua época (e aprender lições de outras épocas). Há alguns que conseguem e outros que não chegam a essa leitura do mundo. Acima de tudo, [o jornalismo] é um modo de pensar.

Referências

BERTAUX, D. **L'enquête et ses méthodes**: Le récit de vie. Paris: Armand Colin, 2010.

GLOAG, O. **Oublier Camus**. Paris: La Fabrique Editions, 2023.

LÉVI-VALENSI, J. **Camus à Combat**. Paris: Folio, 2002.

PLENEL, E. **Combate por una prensa libre**. Barcelona: Edhasa, 2012.

SAID, E. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SANTOS-SAINZ, M. **El poder de la élite periodística**. Madrid: Fragua, 2003.

SANTOS-SAINZ, M. **Les Espagnols à Bordeaux et en Aquitaine**. Bordeaux: Sud-ouest, Bordeaux, 2006.

SANTOS-SAINZ, M. Los imaginarios de los futuros periodistas en Francia. **Revista Latina de Comunicación Social**, [S. l.], n. 68, p. 145–166, 2013. DOI: 10.4185/RLCS-2013-972. Disponível em: <https://nuevaepoca.revistalatinacs.org/index.php/revista/article/view/1004>. Acesso em: 13 abr. 2024.

SANTOS-SAINZ, M. **Albert Camus, periodista**: de reportero en Argel a editorialista en Paris. Madrid: Libros.com, 2016.

SANTOS-SAINZ, M. **Le dernier Goya**. De reporter de guerre à chroniqueur de Bordeaux. Paris: Cairn, 2020a.

SANTOS-SAINZ, M. François Mauriac, editoriales contra los totalitarismos. **Textual & Visual Media**, [S. l.], v. 1, n. 11, 2020b. Disponível em: <https://textualvisualmedia.com/index.php/txtvmedia/article/view/213>. Acesso em: 16 jul. 2024.

SANTOS-SAINZ, M. Una periodista llamada Virginia Woolf, un oficio olvidado por sus biógrafos. **Frontera D: revista digital**, fev. 2024. Disponível em: <https://www.fronterad.com/una-periodista-llamada-virginia-woolf-un-oficio-olvidado-por-sus-biografos/>. Acesso em 22 fev. 2024.